



Figura 1 – IN THE BLACK SQUARE, 1923, Oil on canvas - 38.4 × 36.7" (97.5 × 93.3 cm). New York, The Solomon R. Guggenheim Museum. Fonte: <<http://www.wassilykandinsky.net/>>.

DOSSIÊ

(DE)COLONIALIDADES E CONHECIMENTOS: INTERSTÍCIOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS¹

(DE)COLONIALITÉS ET CONNAISSANCES: INTERSTICES EN SCIENCES SOCIALES

Norma Takeuti²

RESUMO

Discute-se a lógica binária e linear imanente ao pensamento e ao *modus operandi* do grande conjunto científico-acadêmico ocidental, sedimentado no princípio da desigualdade (externa e interna a cada organização local). Parte-se da premissa de um abalo atual no centro hegemônico do pensamento social ocidental, para indagar sobre as possibilidades de movimentos de ruptura epistemológica em relação a uma matriz universalizante nas Ciências Sociais e Humanas. Destaca-se a importância das “epistemologias rebeldes” (transgressões, desvios, atonalidades) no território da ciência normal, enquanto *micropolíticas do saber*, cujo desafio não é apenas de ordem epistemológica, mas de ordem ético-política. Isso posto, o protagonista principal da produção de conhecimento seria o *comum-híbrido* (composto de híbridos vindo de diferentes fronteiras). O denominador comum, desse *pensamento fronteiro*, estando na experimentação, seria o que interpela cada qual ao

engajamento de sua *diferença* (de informação, de conhecimento, de experiências, de afetos, de vida).

Palavras-chave: “Epistemologias rebeldes”. (De)colonialidades. Ciências Sociais e Humanas. Micropolíticas do saber.

RÉSUMÉ

Dans ce texte, nous discutons la logique immanente binaire et linéaire à la pensée et le *modus operandi* de l'ensemble de l'édifice scientifique académique occidental qui s'est édifié sur le principe de l'inégalité à la fois externe et interne à chaque organisation locale. Nous partons de la prémisses d'un bouleversement en cours dans le centre hégémonique de la pensée sociale occidentale afin d'interroger les possibilités de mouvements de rupture épistémologique par rapport à une matrice universalisante en Sciences Sociales et Humaines. Nous soulignons l'importance d'épistémologies rebelles

¹ Este texto foi revisado e ampliado após apresentação, sob o título *(Des)colonialidade e conhecimentos*, no GT03: *Descolonialidade, Fronteiras, Saberes e Expressividades Sociais*, e publicado nos Anais VI Ciclo de debates em Ciências Sociais – CESO, do Seminário Internacional “Max Weber 150 Anos” e do VII Colóquio Internacional de Ciências Sociais, realizado em 15-17 de setembro/2014.

² Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente-pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Grupo de Estudos Cultura e Subjetividades – *Poiesis*/UFRN. CV: <http://lattes.cnpq.br/9696754276620458>

(transgressions, déviations, atonalités), au sein de la science normale, en tant que *micropolitique du savoir*, dont le défi relève plus de l'ordre éthique et politique qu'épistémologique. Ceci étant donné, le principal protagoniste de la production de connaissances serait le *commun-hybride* (composé d'hybrides provenant de différentes frontières). Le dénominateur commun, de cette *pensée frontalière*, étant dans l'expérimentation, serait celui qui interpelle tout un chacun à l'engagement de sa différence (d'information, de connaissance, d'expériences, d'émotions, de vie).

Mots-clés: “Épistémologies rebelles”. (De)colonialités. Sciences sociales et humaines. Micropolitique du savoir.

PREÂMBULO: COEXISTÊNCIA DO MOLAR E MOLECULAR

Após mais de dois séculos de trajetória de construção de uma racionalidade científica, parece ser indubitável o fato de estarmos, no momento presente, presenciando e vivenciando sismos no solo tido como fértil das ciências. Para falar mais particularmente das Ciências Sociais e Humanas, sabemos que sempre houve pequenos sismos (assim como ocorre nas outras ciências), desde que, no século XIX, forjou-se o grande programa das ciências *moles* ou *soft* (em oposição às ciências *duras*, às ciências naturais e às ciências formais e experimentais). Nesse terreno mole das ciências, sempre ocorreram

pequenos sismos produzindo ondas de propagação e fissuras. Estas, ao se abrirem em linhas, promoveram a emergência de pensamentos e experimentações anômalos (discuto essa noção mais abaixo) no próprio território da *ciência normal*. Para a sua própria sustentação, esse território se moveu de mais em mais na via da normatividade, operando com depurações (retirando do seu campo de problematização ou deixando à margem tudo aquilo que deveria pertencer às outras ciências ou à Filosofia); por meio de divisões disciplinares decorrentes da depuração do campo; com separações (natureza/cultura, sujeito/objeto, interioridade/exterioridade); enfim, pela imposição generalizada de categorias cientificamente validadas como universais e produzidas num ponto que se instituiu como “centro”. Separações, depurações, divisões, imposições as quais se fizeram numa circularidade entre si.

Esclareço que para refletir sobre a normalização e normatividade científica, tenho no horizonte tanto as discussões de Kuhn (2001) sobre a *ciência normal* quanto mais as problematizações acerca das *formações discursivas* na ciência (*arqueológica do saber*), de Foucault (1992, 1995); além da *função do anômalo*³ (DELEUZE; PARNET, 2004), pensada nas relações intraterritoriais (da ciência).

Para refletirmos sobre a coexistência de pensamentos e práticas considerados, de um lado, anômalos e, de outro, legítimos em um regime epistemológico “universal”, tomemos esse grande território científico nos termos de uma *segmentaridade*.

³ O anômalo está sempre na fronteira, sobre a borda de uma banda ou de uma multiplicidade; ele faz parte dela, mas a faz passar para outra multiplicidade; ele a faz devir, traça uma linha-entre. É também o “outsider” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 58).

Toda organização é *segmentarizada* (*circular, binária e linearmente*). Pensemos nessa grande organização de produção do saber nas Ciências Sociais constituída como um todo global de modo concêntrico. Todos os segmentos voltam-se ao centro a partir do qual se emanam princípios e diretrizes. Trata-se da *segmentaridade circular concêntrica, arborificada*. A organização sobrevive na *sobrecodificação* dos segmentos que, assim sendo, terminam por estancar o veio criativo em *sua faculdade de brotar, sua relação dinâmica com segmentações em ato, que se fazem e desfazem* (p. 88).

O segmentário e o centralizado não se opõem. São inseparáveis as segmentaridades duras (*plano molar*) e as *segmentaridades flexíveis* (*plano molecular*). Sem tecidos flexíveis, o plano molar não vinga; para ele se fortalecer, necessita *suscitar a molecularização de seus elementos, suas relações e seus aparelhos elementares* (p. 93). Do mesmo modo, os segmentos moleculares nada são se não se compuserem nas organizações para se remanejar.

Intercalado composto a partir de *Micropolítica e Segmentaridade*, G. Deleuze e F. Guattari (1996, p. 83-115).

Curiosamente, as ações perturbantes e moleculares no interior de um sistema “estável” é que asseguram a sobrevivência do molar, do mesmo modo que o molecular só se reatualiza passando pelo plano molar. A física nos ensina que a dilatação de uma matéria é resultante das forças intermoleculares e que as fendas possuem uma função importante na medida em que sem elas a expansão da estrutura fica comprometida. Contudo, é da natureza do molar possibilitar expansão e criatividade no limite das bases já estabelecidas, razão pela qual as fendas são necessárias para fazer expirar o excesso criativo, perturbador, e assim salvaguardar a normalidade científica. Entretanto, esse “excesso” (pensamentos anômalos, enquanto *fenômeno de borda*⁴) não é eliminado no absoluto, ao contrário, permanece como um *devir imperceptível*⁵ no interior desse grande território. Devires cujas pragmáticas (no caso, científicas) passam por agenciamentos

outros que os do ditame de uma epistemologia canônica.

Por que esse preâmbulo? Ele é importante para entender que o abalo no centro hegemônico do pensamento social ocidental não ocorre porque há ações “extraterritoriais” (pressões de outros segmentos territoriais da sociedade), ao menos num plano direto. Pensemos, primeiramente, no plano interno no qual o desarranjo se dá a partir dos diversos intra-agenciamentos que percorrem o sistema acadêmico-científico, mesmo quando prevalece um sistema de hierarquização que instaura uma clivagem nítida entre:

- De um lado, os segmentos-produtores (que se consideram estar no “centro”) de teorias, estas entendidas como padrão de referência universal.

⁴ Deleuze e Guattari (1997), capítulo que versa sobre o *Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível*.

⁵ Idem nota anterior.

⁶ Um total de 13 professores com formação na UFPE. APUC-SP formou três. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/fda/pos-graduacao/mestrado-em-direito/docentes>>. Acesso em: 21 jan. 2014

- De outro, os segmentos-reprodutores, estes podendo ser entendidos como “sub” em uma acepção do “alto-para-baixo” – os *subdesenvolvidos*, os *subalternos*, os *submissos* ou os *subjugados*; e, em uma acepção do “baixo-para-cima”, como *subversivos*.

Em tempos de globalização, pensaríamos nessa dicotomia como coisa do passado; no entanto, essa lógica binária e linear é tão atual quanto imanente ao pensamento e ao *modus operandi* no interior do grande conjunto científico-acadêmico ocidental, sedimentado no princípio da desigualdade (externa e interna a cada organização local). O modo de construção de objetos de pesquisa – em todas as zonas de produção, independentemente dos seus contextos locais – foi sendo afetado por tal princípio de modo que a legitimidade da produção científica e de seus resultados só passa a ser obtida dentro de uma configuração padrão válida e

universal; acrescenta-se, aí, considerada na órbita euro-americana.

Por isso, a importância daquilo que, a partir de Deleuze-Guattari, chamo de *micropolíticas do saber* no interior desse grande complexo de produção de conhecimentos que, em avançando as *linhas de fuga*⁷, terminam por produzir *abalos tectônicos*⁸, isto é, *de-formações* que resultam das pressões exercidas por forças internas (transgressões, desvios, atonalidades⁹) no território da ciência normal. Chamo atenção ao importante papel dos pequenos sismos na criação de uma espécie de *dissidência ampliada*, a qual tem sido favorecida, sem dúvida, pela atual tecnologia comunicacional e informacional¹⁰ a qual vem trazer maior visibilidade à diversidade epistemológica existente, em várias partes do planeta. Nas ondas que se propagam, vão se constituindo as *dobras*¹¹ e a partir daí novas partículas de átomos de pensamento podem ganhar vida com possibilidades de ampliação.

⁷ Estas entendidas no sentido de Deleuze e Guattari (1996), isto é, como vetores de desorganização ou de desterritorialização em relação à normatividade anterior que permitam sair da captura em direção à criação de novos espaços-tempos, de agenciamentos institucionais inéditos.

⁸ Um a propósito termo de Santos (2010)

⁹ Atonalidade: termo utilizado em composição musical, enquanto *um método moderno de composição que despreza as funções tonais clássicas; utiliza a totalidade dos recursos da escala cromática, dá predominância ao ritmo e emancipa a dissonância* (cf. Novo Dicionário Aurélio). Analogicamente, não se poderia pensar em determinadas pragmáticas científicas em termos “atonais” que podem estar espocando, aqui-ali, com seus acordes dissonantes e trazendo outras modulações possíveis nas maneiras de operar em pesquisa e formação?

¹⁰ Concordo, nesse sentido, que esta tecnologia abriu maiores possibilidades para a hibridização de práticas acadêmicas e científicas que passam a mostrar, cada vez mais, diversidade no modo de se operar nas ciências.

¹¹ Comentaremos, brevemente, essa noção presente em Gabriel Tarde e Gilles Deleuze, a partir do que esclarece Lazzarato (2011, p. 13), o qual se serve da bela metáfora da *onda* do mar (utilizada por G. Tarde). A *onda* é o efeito dos movimentos do mar; nela, condensam-se as forças (externas); ora, as vagas surgem na superfície, após as águas terem “enrolado” as correntes (*fluxos*) que lhe atravessam, nas profundezas, em todas as direções; em um movimento próprio, a *onda (dobra)* retém o *fluxo* para poder acelerá-los e, em seguida, espalhá-los. *Toda dobra é o lar de uma nova expansão, de uma nova circulação*: essa ilustração sintetiza o que entendo por *subjetivação* – esta, *como a onda, é uma questão de ritmo, de velocidades, de contração e dilatação da circulação, em um meio não estático, mas que é, ele próprio, um movimento molecular, browniano.*

PERSPECTIVAS CRÍTICAS PÓS E DECOLONIAL

Concretamente falando, vemos movimentos epistemológicos que vêm se intensificando e se tornando cada vez mais extenso na América Latina, Caribe, África e Ásia, enquanto reflexões que demarcam um desprendimento em relação a uma matriz epistemológica dominante ocidental e eurocêntrica. Reflexões difundidas sob as denominações diversas¹²: crítica epistêmica decolonial, estudos críticos pós-coloniais, orientalismo, crítica do discurso colonial, pós-desenvolvimento, estudos subalternos, afrocentrismo e pós-ocidentalismo. Acrescente-se, ainda, o relatório da *Comissão Gulbenkian – Para a reestruturação das ciências sociais*, editado sob o título *Para abrir as ciências sociais* (WALLERSTEIN, 1996) e a obra *Epistemologias do Sul* (SANTOS, 2010) que congregou intelectuais de diferentes lugares de produção do conhecimento do *Sul Global*. Evidentemente, as referências não se esgotam neles¹³. A proliferação atual de reflexões vem se acentuando, inclusive no Brasil¹⁴.

Quero me deter no exemplo específico da América Latina e Caribe, onde se destaca o Grupo *Modernidade e Colonialidade*¹⁵, originalmente composto, em 1998, por A. Quijano, W. Mignolo, E. Dussel, E. Lander, A. Escobar, F. Coronil, S. Castro-Gómez, F. L. Segrera, A. Moreno; posteriormente ampliado com a presença de intelectuais do Caribe, como R. Grosfóguel e N. Maldonado-Torres, bem como mais tantos outros caribenhos e latino-americanos. Importante notar a existência, nessa plêiade em expansão, de nomes de intelectuais não latino-americanos e caribenhos, além de genuínos da América Latina e Caribe atuando em instituições americanas ou europeias. Isso vem a indicar que o que está em jogo não é a pertença a lugares geográficos ou institucionais; acima de tudo, trata-se da constituição de uma rede de conhecimentos como recurso indispensável à circulação das produções locais e à difusão da crítica à matriz colonial de poder que, ao realizar o giro epistêmico decolonial, abre-se para a “busca de outras epistemologias, outros princípios de ver e entender, portanto, outras economias, outras políticas, outras éticas” (MIGNOLO, 2010, p. 17).

¹² Em Castro-Gómez (1998), encontramos um panorama aproximativo de algumas dessas perspectivas citadas.

¹³ Remetemos ao artigo, deste mesmo dossiê, intitulado *Vertentes do Pós-Colonial e do Decolonial: Possíveis Contribuições às Teorias Sociais Contemporâneas*, de Miglievich-Ribeiro, o qual retraza um inventário de algumas das principais vertentes das perspectivas pós-colonial e decolonial.

¹⁴ Citemos, a título de exemplo, nas Ciências Sociais: GERMANO, 2006, 2014; MARTINS, 2012a; 2012b e o Grupo de Estudos em Antropologia Crítica e suas “cartografias dissidentes” <<http://antropologiacritica.wordpress.com/>>, desde 2013; bem como na área jurídica (VAL; BELO, 2014); acrescentem-se fóruns de debates que se disseminam (tais que I Seminário Internacional Pós-Colonialismo, Pensamento Decolonial e Direitos Humanos na América Latina, Unisinos, nov./2013; GT *Descolonialidade, fronteiras, saberes e expressividades sociais* no VII Colóquio Internacional de Ciências Sociais e o VI CESO – Ciclo de Estudos em Ciências Sociais, UFRN, set./2014. Essa lista de eventos está bem longe de se esgotar nessas citações.

¹⁵ Ver Mignolo (2010, nota de rodapé 1, p. 7). Igualmente, o texto *América Latina e o giro decolonial* (BALLESTRIN, 2013) que nos retraza a trajetória e o pensamento do Grupo Modernidade e Colonialidade, oferecendo um panorama da trajetória do pensamento pós-colonialista que foi importante na emergência desse movimento latino-americano.

Nesse sentido, *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales – Perspectivas latinoamericanas* é uma importante obra desse grupo (sob a organização de LANDER, 2000) que se inscreveu, então, em uma frente de discussão epistemológica e política de modo a abrir as linhas das micropolíticas do saber, em vários pontos do território acadêmico-científico, para além da América Latina e Caribe. Passados mais de quinze anos de sua primeira publicação, notam-se proliferações no interior daquilo que pontuei acima como um território normalizado e segmentarizado

de organização concêntrica. Para Mignolo (2010, p. 114), começam-se a *liberar categorias de pensamento e formas de vida silenciadas, marginalizadas ou roubadas*, bem como se começam a *liberar horizontes de vida eclipsados pelo horizonte único da modernidade*, desvendada, assim, em sua plena colonialidade de poder e saber, ou seja, uma dominação que não se limitou ao poderio econômico e político, mas no jugo do conhecimento e do ser. Apenas a título de melhor entendimento, trago, no intercalado seguinte, o essencial das ideias acerca da colonialidade.

A colonialidade é entendida de modo mais abrangente, para além do poder econômico e político; nela está contida a “colonialidade do conhecimento e do ser (gênero, sexualidade, subjetividade e conhecimento)” (p. 11). Em sua estrutura complexa, a *matriz colonial do poder* abarca diversos níveis de controle: *da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e sexualidade, da subjetividade e do conhecimento* (p. 12). É pela produção discursiva e controle do conhecimento que se dá a articulação desses diferentes domínios. Pelo conceito de colonialidade, os pensadores implicados propõem-se, entre outras possibilidades, à *restituição de histórias silenciadas, de subjetividades reprimidas, de linguagens e conhecimentos subalternizados pela ideia de Totalidade* (p. 14). Assim como diria Aníbal Quijano (1992), *a importância da teoria da colonialidade está em desvelar a parte mais obscura da modernidade*, pela demonstração da existência da *relação intrínseca entre a retórica da modernidade (suas narrativas triunfantes) e a lógica da colonialidade* (p. 46). Ao nível analítico, trata-se do desprendimento epistemológico em relação a conceitos “universais” presentes, em todo o projeto da modernidade, que teriam escamoteado, sob um “estandarte” (da democracia, da igualdade, da emancipação...), um conjunto de aspectos de uma colonização mais profunda, implicando a vida como um todo.

Na proposta desse desprendimento, pressupõe-se uma “geopolítica e uma corpopolítica do conhecimento que, de um lado, denuncia la pretendida universalidad de una etnicidad en particular (biopolítica) localizada en una región específica del planeta (geopolítica), esto es, Europa, donde el desarrollo del capitalismo ha sido consecuencia del colonialismo. (...) E, de outro, dirige-se para la pluriversalidad como proyecto universal” (p. 17).

Intercalado composto de fragmentos da obra *Desobediencia Epistémica: Retórica da modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad* (MIGNOLO, 2010).

Isso posto, a colonialidade abarca um complexo conjunto de ideias que aborda questões de ordens econômica, social,

jurídica, política, cultural (e intercultural) e científica, as quais ganham maior ou menor relevância, segundo o foco de

opção de cada autor. As controvérsias têm lugar no interior desse debate decolonial e pós-colonial que, contudo, possui um denominador comum, o de repensar o local por meio de renovação crítica das Ciências Sociais e Humanas pela superação da epistemologia canônica ocidental. Grosfoguel (2008, p. 117) assinala claramente a exigência de uma descolonização do conhecimento, qual seja *levar* “a sério a perspectiva/cosmologias/visões de pensadores críticos do Sul Global, que pensam com e a partir de corpos e lugares étnico-raciais/sexuais subalternizados”. Mignolo (2010, p. 91) sugere que a ideia de uma *transmodernidade* seria um ponto de partida da *versão decolonial da História*.

A transmodernidad sería la orientación general para los proyectos de de-colonización y de desprendimiento, una orientación hacia la pluriversalidad como proyecto universal. El pensamiento fronterizo, un vez más, es uno de los métodos, que pueden ayudarnos a desplazarnos hasta sostener una visión – pluriversal y no uni-versal – e implementar estrategias para alcanzarlo (MIGNOLO, 2010, p. 124-5).

Geopolítica decolonial do conhecimento e do entendimento e corpopolítica (compreensão do mundo a partir das *epistemes* e do próprio mundo em que vivemos) estão no cerne da proposta dessa transmodernidade requerida.

CONTROVÉRSIAS: CONTRAÇÃO E EXPANSÃO

A constatação de aberturas no pensamento e nas práticas científicas, além do avanço de reflexões no âmbito das Ciências Humanas e Sociais não retiraram, contudo, a evidência da existência, no interior mesmo das instituições acadêmicas locais, de determinados bloqueios sob a forma de medidas regulatórias, de sanções positivas e negativas (concessão/negação de bolsas de produtividade e apoios a pesquisas definidos segundo os parâmetros exclusivos da uma única epistemologia ocidental) ou sob as formas de (des)qualificações e (des)legitimações¹⁶.

A *colonialidade do saber* ganha plenitude por meio de mecanismos de adesão/introjeção, nas bases locais, de atributos emanados de uma matriz de poder e de saber e, conseqüentemente, pela reprodução e práticas de *colonização interna*, como Quijano (1992, 1999, 2000) bem o indica em seus escritos¹⁷. A denúncia da violência epistêmica é, nessa matriz de poder, palavra em vão na medida em que cientistas – de ambos os lados da *linha do pensamento abissal*, conforme Santos (2010) – coloquem-se no lugar do demiurgo para fazer corroborar um regime epistemológico que, ao final, desemboca na colonialidade do saber.

¹⁶ A avaliação de publicações – *Qualis* de periódicos e de livros – retira do grande público acadêmico e não acadêmico (intelectuais e outros interessados) a espontaneidade do reconhecimento de uma produção valiosa e coloca nas mãos de uma comissão técnica especializada o ato da classificação daquilo que pode ser “excelente”, “bom”, “regular” ou “mediocre”. A credencial do universalismo (para o julgamento de obras científicas) fica, desse modo, depositada em um corpo “técnico-científico” avaliador.

¹⁷ Sobre o assunto, ver Tapia (2012). Igualmente, Mignolo (2010, p. 112) para quem, ao nível político e social, “la gramática da descolonialidad (la descolonización del ser y del saber, de la teoría política y económica comienza en el momento en el que que actores que habitan lenguas y subjetividades racializadas y negadas en su humanidad, toman conciencia de los efectos de la colonialidad del ser y del saber”.

As controvérsias internas – nas próprias bases locais, alimentadas pelos medos, narcisismos, conformismos, pelas cegueiras de uns e pelos desejos de autonomia de produção do saber de outros – estarão, cada vez mais, na agenda dos dias atuais, assim que a ideia da *pluriversalidade* (MIGNOLO, 2010) ganhe ritmo e intensidade. Para Santos (2010), está havendo uma expansão do *cosmopolitismo subalterno*, do mesmo modo que, para Tapia (2012), um *cosmopolitismo periférico*¹⁸. É importante notar, para além das diferentes nomeações, o recrudescimento de práticas contradiscursivas ao legado epistemológico eurocêntrico, a prevalência da dimensão ético-política nesses diversos ensaios; tal dimensão vem se tornando um dado incontornável para a introdução da *diferença* no modo de se operar em Ciências Sociais.

Em nível internacional, várias ordens de desafio têm se colocado para a Sociologia ocidental, que se vê questionada em seu projeto fundamental e tendo que fazer face às críticas sobre o universalismo dos modelos teóricos, os quais, exportados “para os países do terceiro-mundo, não resistem à prova da respectiva aplicação a contextos sociais e culturais diferentes”, conforme bem o observa o sociólogo nigeriano Sanda (1988 apud BERTHELOT, 2000, p. 113). A esse respeito, vêm à tona debates sobre questões de *internacionalização* ou *indigenização*, *universalismo racionalista* ou *pluralismo*.

Berthelot (2000), em seu texto *Os novos desafios da epistemologia*, parece reconhecer a existência de nítidas forças

antagônicas no interior do campo sociológico: se a internacionalização é vista, de um lado, pelos seus defensores como um caminho que vem fortalecer o projeto universalista dos fundadores da Sociologia¹⁹; de outro, ele é visto como processo de dominação e contra o qual perspectivas regionais e locais assumem a posição de luta em nome da autonomia da expressão e da relação de igualdade e de reciprocidade no processo de produção de conhecimentos adaptados às realidades específicas. Assim, “até que ponto os esquemas conceptuais e as proposições constitutivas das principais teorias sociológicas podem ser tidos como relevando de princípios universais de explicação de toda e qualquer sociedade?”. Tal questão, lançada no congresso ISA, já na edição 1982, pelo sociólogo nigeriano Akiwowo (BERTHELOT, 2000, p.115), estaria, desde então, refletindo a inquietação de pesquisadores classificados nas diversas zonas (“sub”) de produção de conhecimentos. Ela ilustra bem o que se achava (e se acha ainda) em jogo, não só pelo seu conteúdo mas também pelo momento (evento que congrega sociólogos de todo o planeta) em que é proferida: para além da questão epistemológica, trata-se de um jogo político no qual se medem forças entre atores hegemônicos (Europa e USA) em meio a “coadjuvantes”, de várias partes do mundo, que tão somente devem se posicionar em um dos lados da linha.

É preciso crescer, nesta discussão, que não se trata somente de problematizações críticas e proposições outras que partem de zonas geográficas de produção

¹⁸ Tapia (2012, p. 31) argumenta que o cosmopolitismo da periferia é “pensar o social e a teoria social a partir do local, mas no horizonte do mundo, e por sua vez pensar o mundo sem perder de vista as diferentes configurações locais e nacionais”.

¹⁹ A esse propósito, Santos (2010, p. 13) observa: “O abissal metropolitano vê-se confinado a um espaço cada vez mais limitado e reage remarcando a linha abissal”.

de conhecimentos bem situadas, como a que vimos anteriormente, fora do centrismo euro-americano. No interior desse centro, há também um movimento centrífugo (afastar-se do centro). Vemos, assim, descomposições, desencaixes ou desalinhamentos em relação a esse vetor epistemológico *monoparadigmático* reinante nos séculos XIX e XX.

Nessa direção, há um pleito para as Ciências Sociais se moverem em um sentido *pluriparadigmático* e, até mesmo, posições que sub-repticiamente vêm soçobrar o edifício do programa clássico sociológico, tal é a proposição de Latour (2012) em repensar a Sociologia, não mais como a “sociologia do social” (essa noção devendo ser rigorosamente revisada até a sua extinção) e, sim, como a “sociologia das associações”²⁰. Reviravolta significativa, ainda mais que há, nesse caso, o reavivamento da importante confrontação de duas correntes na própria base das Ciências Sociais, qual seja, de um lado, as ideias de G. Tarde e, de outro, as de E. Durkheim. O primeiro é revisitado por alguns autores contemporâneos (B. Latour, P. Virno, M. Lazzarato, entre alguns, e não esqueçamos o próprio Deleuze que resgatou Tarde enquanto o teórico da *diferença*), como um sólido mediador de confrontação teórica com o programa sociológico fundamental, que se acha em exaustão; porém, ainda fortemente encravado nas estruturas de

formação e de pesquisa das universidades contemporâneas.

Para seguirmos com mais um exemplo dos sismos que eclodem no campo das Ciências Sociais, tomemos outro exemplo que, em uma perspectiva bastante diferente das anteriores, traz propostas inéditas: a assim nomeada *teoria queer*. Essa, de origem estadunidense, tem-se espalhado por várias instituições de pesquisa no mundo. A teoria *queer* ilustra bem uma tentativa de se operar nas Ciências Sociais sem intenções de petrificações. Em meio às controvérsias internas dos próprios pesquisadores que transitam por essa teoria (ou por suas variantes), vemos as afetações que ela vem produzindo (dentro e fora da academia científica) e suscitando emergências de *teorias queers localizadas*, como um desdobramento de um movimento epistêmico rizomático, em ritmos rebeldes.

De uma parte, em sua tentativa de pensar o corpolítico local, fazem emergir novas perspectivas, no interior mesmo de seu próprio quadro teórico; tal é o exemplo daqueles que vão em direção a uma composição entre elementos da teoria *queer* e a noção de antropofagia²¹ (conforme problematizações de determinados pesquisadores latino-americanos²²). Eis uma *epistemologia rebelde*, se assim se pode dizer. De outra parte, essas teorias vão se engendrando a partir das trocas de saberes entre o “dentro” e o

²⁰ Latour (2006, p. 11) explicita que “o social não pode ser tomado como um material ou como um domínio particular; contesta-se o projecto de fornecer uma ‘explicação’ de um determinado estado de coisas. Se bem que, no passado, este projecto tenha sido fértil e provavelmente necessário, deixou há muito de o ser, graças ao próprio sucesso das ciências sociais. No estado actual do seu desenvolvimento, não é possível inventariar totalmente os ingredientes que entram na composição do domínio social. Por este motivo, desejo redefinir a noção de social, retornando ao seu sentido original e tornando-o de novamente capaz de delinear as conexões”

“fora” do universo acadêmico-científico. Infiltrações mútuas.

Desse modo, os “saberes mundanos” adentram para o “espaço sagrado” da produção científica, assim como dessa são também tomados os experimentos e saberes que alimentam as experimentações sociais de caráter mais “espontâneo” (fora das exigências da produção científica). Como exemplo, foquemos a mútua infiltração de saberes artísticos que se expõem em determinadas performances ou intervenções artísticas urbanas²³. Em outro domínio, olhemos aquilo que tem se chamado de *criaturas pós-humanas* (HARAWAY, 2009) que, aliás, não estão sendo imaginadas e produzidas apenas na “fábrica científica” mas também em espaços onde se manifestam *culturas-eXtremas*²⁴ (refiro-me, mais especificamente, à arte *body modification* em suas variantes múltiplas). Ainda, no terreno das comunicações, podemos acessar amplamente a expressividade da *hibridosfera*²⁵, em suas múltiplas produções artísticas, literárias e culturais. Essas observações são atinentes, sobretudo, ao domínio das Ciências Sociais e Humanas, na qual é mais manifesta a ação extraterritorial no reino da Ciência Social (inusitado!), bem como

desse para os espaços sociais (disso já sabíamos!).

CONHECIMENTO E HIBRIDEZ

Incursões e excursões teóricas que são da ordem da mistura, da profanação, da transgressão, ao menos, significa um descolamento epistemológico em relação a uma matriz universalizante cuja dominância é a de operar por oposições binárias. Mais uma vez, reafirmo que se trata tanto mais de uma questão ético-política que de uma questão exclusivamente epistemológica – as quais dizem respeito à elasticidade em um campo a caráter fronteiro, de coabitação de *híbridos* (no saber; na vivência e experimentação social, política e cultural; no gênero e sexo; nas gerações e, ainda, híbridos enquanto homens-máquinas).

A ideia prevalente é o trânsito não só entre as diversas áreas de conhecimento científico e entre a academia científica e a sociedade, mas, principalmente, o trânsito entre experimentações múltiplas em que não haja o privilégio de um dado referente, em lugar disso, heterodoxias

²¹ Baseado no Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade (1976).

²² Na *Revista Periódicus* (2014), do grupo de pesquisa *Cultura e Sexualidade (CUS)*, em sua primeira edição, encontram-se artigos nos quais se discutem efeitos e ressonâncias dos estudos queer na zona *Ibero-América*. Para a discussão mais específica sobre a antropofagia e teoria queer, encontram-se, nessa edição, artigos de Pelúcio (2014) e de Lugarinho (2010).

²³ O site <http://performancecorporopolitica.net/?page_id=1204> nos fornece uma mostra das experimentações híbridas no campo da arte e ciência. Além disso, o site <<http://www.transnationaldialogues.eu>> se propõe a facilitar encontros entre “artistas, criativos, profissionais, intelectuais e escritores da Europa, China e Brasil, para que haja uma série de trocas, tanto na forma física e online. A plataforma promove a partilha de informação, redes e colaboração conceptual entre indivíduos, organizações e instituições que trabalham em uma variedade de disciplinas a nível transnacional, e oferece um trampolim para colaborações e iniciativas futuras”

²⁴ Tomo emprestado o título dado por Canevacci (2005) à obra em que apresenta as *mutações juvenis nos corpos das metrópoles*.

²⁵ Como a define Andrade (2007, p. 54): “Esferas públicas híbridas, ou ‘hibridosferas’ dentro da Internet, pelo uso de hybridlogs (a exemplo de <<http://web.mac.com/pedro.andrade>>). Um hybridlog entende-se como um blog formado por diversos tipos de blog, cada um deles baseado num diferente médium”.

²⁶ In Moraes (2013, p. 28): “Rebelde porque se opõe abertamente ao colonialismo intelectual fixado pelas regras do jogo científico internacional. [...] Subversiva porque busca ativamente a mobilização de estratégias para modificar a ideologia que permeia o ensino das ciências sociais, tanto no norte como no sul global”.

com fortes pitadas de heresias. Por uma *ciência rebelde!* Já assim o dizia Fal Bodas²⁶, nos anos 1970. O protagonista principal da produção de conhecimento seria o *comum-híbrido* (composto de híbridos vindo de diferentes fronteiras). E o denominador comum desse pensamento fronteiro estaria na experimentação: sendo ela a nos interpelar para que cada qual se engaje a partir de suas diferenças (de informação, de conhecimento, de experiências, de afetos e de vida).

Isso tudo parece ser algo inatingível e distante, ao mesmo tempo algo próximo e exequível. Inatingível se nos situarmos tão somente no plano cognitivo e racional no campo acadêmico-científico, aparentemente inabalável em seu aparato e estrutura estratificada e sobre-codificada, enfim, organizada em um regime de saber inquestionável; e, ainda por cima, se ficarmos agarrados a um *mito da modernidade*²⁷ e da sua ciência, como bem o assinalam os diversos intelectuais que compõem o supracitado grupo da *Colonialidade e Modernidade*. Exequível, quando nos situamos entre as passagens de fluxos que percorrem o grande coletivo social (no qual instituições, grupos e indivíduos cientistas podem fazer parte) no qual se disseminam experimentações variadas no signo da inventividade à busca da *decolonialidade* da vida.

No entanto, sabe-se que, por vezes, o medo se faz presente na fronteira, na presença do *pensamento fronteiro* que opera, necessariamente, com diversas abordagens e que ultrapassa os limites das teorias e do campo científico. Vivido tão somente como perigoso, em um regime assentado em um (único!) racionalismo, para o qual a mistura é “coisa inferior” (do mesmo modo que os defensores da raça superior tinham como premissa a pureza) e a profanação é uma maldição e a transgressão, uma heresia. O *abalo tectônico* (SANTOS, 2010) poderia justamente dar lugar à decolonialidade de expressões, fazendo vir à baila as múltiplas micropolíticas do saber e tornando, pela hibridez, mais *liso* (penso nesse termo em oposição ao *estriado*, tal qual elaborado por DELEUZE; GUATTARI, 1996) o território das Ciências Sociais e Humanas, de modo que haja emergência de outros modos de agenciamentos e pragmáticas científicas.

²⁶ In Moraes (2013, p. 28): “Rebelde porque se opõe abertamente ao colonialismo intelectual fixado pelas regras do jogo científico internacional. [...] Subversiva porque busca ativamente a mobilização de estratégias para modificar a ideologia que permeia o ensino das ciências sociais, tanto no norte como no sul global”.

²⁷ Conforme Mignolo (2010, p. 18).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Pedro. Sociologia da blogosfera: figurações do humano e do social em blogs e hybridlogs. **Revista Comunicação e Sociedade**, Braga: Universidade do Minho, v. 12, p. 51-65, 2007.

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 1928. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

BERTHELOT, Jean Michel. M. Os novos desafios epistemológicos da sociologia. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 33, p. 111-131, 2000,

CANEVACCI, Massimo. **Culturas-extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, S. Geografías poscoloniales y translocalizaciones narrativas de “lo latinoamericano” - La crítica al colonialismo en tiempos de la globalización. In: FOLLARI, Roberto; LANZ Rigoberto (Org.). **Enfoques sobre Posmodernidad en América Latina**. Caracas: Sentido, 1998. p. 155-182.

DELEUZE, Gilles. As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjativação). In: DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliende, 2005. p. 78-100.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 1980. São Paulo: 34, 1996. p. 83-115. (Capitalismo e esquizofrenia, v. 3)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 1980. São Paulo: 34, 1997. p. 11-113. (Capitalismo e esquizofrenia, v. 4)

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. **Diálogos**. 1977. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GERMANO, José Willington. Globalização Alternativa, Políticas Emancipatórias e Solidariedade. In: CASTRO, J. L. de et al. (Org.). **Política e gestão em saúde**. Natal: Observatório RH NESC/UFRN, 2006.

GERMANO, José Willington. **Cânone colonial**: violência epistêmica e injustiça cognitiva na América Latina. (TEXTO INÉDITO, 2014)

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, mar. 2008.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

LATOUR, Bruno. Como prosseguir a tarefa de delinear associações. **Configurações**, n. 2, p. 11-27, 2006.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: UFBA, 2012; Bauru, São Paulo: EDUSC, 2012.

LAZZARATO, Maurizio. La Psychologie économique contre l'Économie politique. **Multitudes**, Paris, v. 4, n. 7, p. 193-202, 2011.

LUGARINHO, Mário C. Antropofagia Crítica – para uma teoria queer em português. **Olhar, Revista do Centro de Humanidades da UFSCar**, n. 17, p. 105-111, 2010.

MARTINS, Paulo Henrique. **La decolonialidad de América Latina y la heterotopía de una comunidad de destino solidária**. Buenos Aires: Fundación CICCUS; Estudios Sociológicos, 2012a.

MARTINS, Paulo Henrique; RODRIGUES, Cibele (Org.). **Fronteiras abertas da América Latina Diálogo na ALAS-Associação Latino-Americana de Sociologia**. Recife: UFPE, 2012b.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MORAES, Alex M. Ciência rebelde e desobediência epistêmica: um breve “encontro” com Orlando Fals Borda. **Dossiê Pensamento descolonial e práticas acadêmicas dissidentes - Cadernos IHU**, Instituto Humanitas Unisinos, ano 11, n. 44, p. 26-44, 2013.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, maio/out. 2014. Disponível em: <www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index>. Acesso em: 4 out. 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-21, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina, in Crítica Cultural en Latinoamérica: Paradigmas globales y enunciaciões locais, **Dispositio**, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**.

CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina, p.246, jul. 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>>. Acesso em: 1 set. 2014.

REVISTA PERIÓDICUS: Dossiê Cartografia dos estudos queer na Ibero-América, UFBA, v. 1, n. 1, 2014.

SANDA, Muiyiwa A. In defence of indigenization in sociological theories. *International Sociology*, v. 3, n. 2, p. 189-200, 1988.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

TAPIA, Luis. Um cosmopolitismo de la periferia. In: Martins, P. H.; Rodrigues, C. (Org.). **Fronteiras abertas da América Latina: diálogo na ALAS-Associação Latino-Americana de Sociologia**. Recife: UFPE, 2012. p. 29-44.

VAL, Eduardo M.; BELLO, Enzo (Org.) **O pensamento pós e descolonial no novo constitucionalismo latinoamericano**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Para abrir as ciências sociais**. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1996.